

Alimentação indevida de animais silvestres em unidade de conservação urbana: o Parque do Ingá como espaço não-formal de ensino

Improper feeding of wild animals in an urban conservation unit: Parque do Ingá as a non-formal teaching space

Alimentación inadecuada de animales silvestres en una unidad de conservación urbana: el Parque do Ingá como espacio de enseñanza no formal

 **Wesley Juan de Moraes Pierobom¹**

 **Maria Eduarda Araujo Ribeiro¹**

 **Vinicius Oliveira Miranda¹**

 **Bianca Tomaz de Novais¹**

 **Júlia Ayumi Fialho¹**

 **Poliana Barbosa da Riva¹**

¹Universidade Estadual de Maringá,
Maringá, PR, Brasil.

Autor correspondente:

Wesley Juan de Moraes Pierobom.
ra129414@uem.br

Submissão: 17 mar 2025

Aceite: 22 abr 2025

RESUMO. Objetivo: o estudo analisou a percepção da população em relação aos impactos negativos da prática de alimentar animais silvestres no Parque do Ingá, em Maringá (PR), a fim de destacar os prejuízos tanto para o equilíbrio ecológico quanto para a saúde dos animais e dos seres humanos. **Métodos:** a pesquisa consistiu em uma ação voltada para o ensino realizada no parque, utilizando materiais didáticos e jogos interativos para conscientizar os visitantes sobre os riscos dessa interação, buscando demonstrar como espaços não-formais podem ser ferramentas importantes para o ensino. **Resultados:** cerca de 60 pessoas participaram, sendo as crianças as mais interessadas. **Conclusão:** as ações educativas foram bem-sucedidas, pois permitiram a construção de reflexões, embora a pesquisa apontou que as abordagens realizadas diretamente dentro do parque teriam alcançado um público ainda maior.

Descritores: Parques urbanos; ensino; animais silvestres; educação em saúde ambiental.

ABSTRACT. Objective: The study analyzed the population's perception regarding the negative impacts of the practice of feeding wild animals in Parque do Ingá, in Maringá (PR), in order to highlight the damage to both the ecological balance and the health of animals and humans. **Methods:** The research consisted of an action aimed at teaching carried out in the park, using teaching materials and interactive games to raise awareness among visitors about the risks of this interaction, seeking to demonstrate how non-formal spaces can be important tools for teaching. **Results:** Around 60 people participated, with children being the most interested. **Conclusion:** The educational actions were successful, as they allowed the construction of reflections, although the research indicated that approaches carried out directly within the park would have reached an even larger audience.

Descriptors: Urban parks; teaching; wild animals; environmental health education.

RESUMEN. Objetivo: el estudio analizó la percepción de la población sobre los impactos negativos de la práctica de alimentación de animales silvestres en el Parque do Ingá, en Maringá (PR), con el fin de evidenciar los daños tanto al equilibrio ecológico como a la salud de los animales y de los humanos. **Métodos:** la investigación consistió en una acción dirigida a la enseñanza realizada en el parque, utilizando materiales didáticos y juegos interactivos para concientizar a los visitantes sobre los riesgos de esta interacción, buscando demostrar cómo los espacios no formales pueden ser herramientas importantes para la enseñanza. **Resultados:** participaron alrededor de 60 personas, siendo los niños los más interesados. **Conclusão:** las acciones educativas tuvieron éxito, ya que permitieron la construcción de reflexiones, aunque la investigación indicó que los abordajes realizados directamente dentro del parque habrían llegado a un público aún mayor. **Descritores:** Parques urbanos; enseñanza; espacios no formales; animales salvajes; educación en salud ambiental.

INTRODUÇÃO

Os espaços não-formais de ensino apresentam uma função científica e educacional, pois oferecem atividades educativas a diversos públicos e promovem a aprendizagem de ciências de maneira diferenciada em relação ao ensino formal.

Atualmente, a educação em ciências vem promovendo a popularização da ciência e agem como uma porta aberta para a produção e disseminação do conhecimento científico⁽¹⁾. Esses espaços possuem grande potencial, por exemplo, para a educação ambiental, pois permitem a construção de conhecimento por meio da experimentação, da interação e da contextualização, tornando o aprendizado mais significativo⁽²⁾.

O ensino de ciências em espaços não formais desempenha um papel essencial na ampliação da compreensão pública sobre ciência e na formação de uma sociedade mais consciente sobre questões ambientais. Museus, zoológicos, jardins botânicos e parques⁽³⁾ oferecem oportunidades únicas de aprendizado por meio de experiências práticas e interativas, contribuindo para a construção de conhecimentos de forma contextualizada e significativa.

Além disso, esses espaços permitem uma aprendizagem experiencial, na qual os participantes podem se envolver ativamente e desenvolver um senso de pertencimento em relação ao meio ambiente⁽⁴⁾. Neste sentido, atividades educativas em espaços não formais podem reforçar o aprendizado escolar, promovendo conexões entre teoria e prática⁽⁵⁾.

A utilização de parques como espaços educativos é especialmente relevante, pois possibilita o contato direto com a natureza, promovendo a sensibilização ambiental e incentivando práticas de conservação⁽⁶⁾. A interação com o meio ambiente natural é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência ecológica, sendo essencial para o bem-estar físico e psicológico dos indivíduos⁽⁷⁾. Nessa perspectiva, o Parque do Ingá, localizado em Maringá, Paraná, representa um exemplo de espaço não formal que combina biodiversidade com possibilidades de educação ambiental.

Neste contexto, a temática escolhida envolve a interação humana com os animais silvestres locais, especificamente sobre as práticas de alimentação inadequada destes últimos, o que representa um risco tanto para a saúde dos visitantes quanto para o equilíbrio ecológico e o bem-estar da fauna local.

Estudos indicam que alimentar animais em ambientes naturais pode alterar seus comportamentos, gerar dependência alimentar e introduzir alimentos inadequados que afetam sua saúde⁽⁸⁾. Além disso, essa prática pode comprometer as relações ecológicas e interferir nos processos naturais de forrageamento e predação⁽⁹⁾.

A respeito da abordagem pedagógica nestes espaços, estratégias educativas devem envolver os participantes de maneira ativa e reflexiva, promovendo mudanças de comportamento e atitudes em relação à natureza⁽¹⁰⁾. Neste sentido, os programas educativos eficazes devem integrar conhecimento, emoção e motivação para estimular o engajamento ambiental dos indivíduos⁽¹¹⁾. Portanto, trabalhar este tema no Parque do Ingá em atividades de educação não-formal é essencial para conscientizar os visitantes sobre os impactos negativos dessa prática.

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi explorar as potencialidades do Parque do Ingá como um espaço não formal para o ensino de ciências, a partir da realização de uma ação educativa, destacando seu papel na educação ambiental e na promoção de práticas sustentáveis. Além disso, pretendeu-se analisar como ações pedagógicas realizadas em ambientes naturais podem contribuir para mudanças comportamentais e fomentar uma convivência mais harmônica entre seres humanos e a fauna local, bem como possibilitar a integração de conhecimentos científicos e práticas educativas que fortalecem a compreensão pública sobre conservação ambiental em espaços urbanos.

METODOLOGIA

A área de estudo escolhida para a prática educativa foi o Parque Municipal do Ingá (Figura 1), localizado no município de Maringá (Paraná), um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual do bioma Mata Atlântica. O espaço representa um local aberto à visitação, o que ressalta a escolha do lugar, tendo os próprios visitantes do parque como alvo⁽¹²⁾.



Figura 1. Vista de satélite do Parque do Ingá (Maringá - PR).

Fonte: Google Earth (2025).

A presente pesquisa é um relato de experiência, a qual⁽¹³⁾ trata o conhecimento construído para além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), possibilitando a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo e por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante).

Para a intervenção, foram utilizados materiais didáticos como cartazes feitos em cartolina e um jogo didático. O primeiro cartaz foi feito em cartolina com o título “Por que não alimentar os animais silvestres?” e imagens das espécies em estudo com descrição das consequências que os alimentos ofertados pela população podem acarretar seus hábitos, saúde e riscos à comunidade (Figura 2). O segundo cartaz, por sua vez, expôs informações sobre as diferenças entre animais silvestres e domésticos (Figura 3).

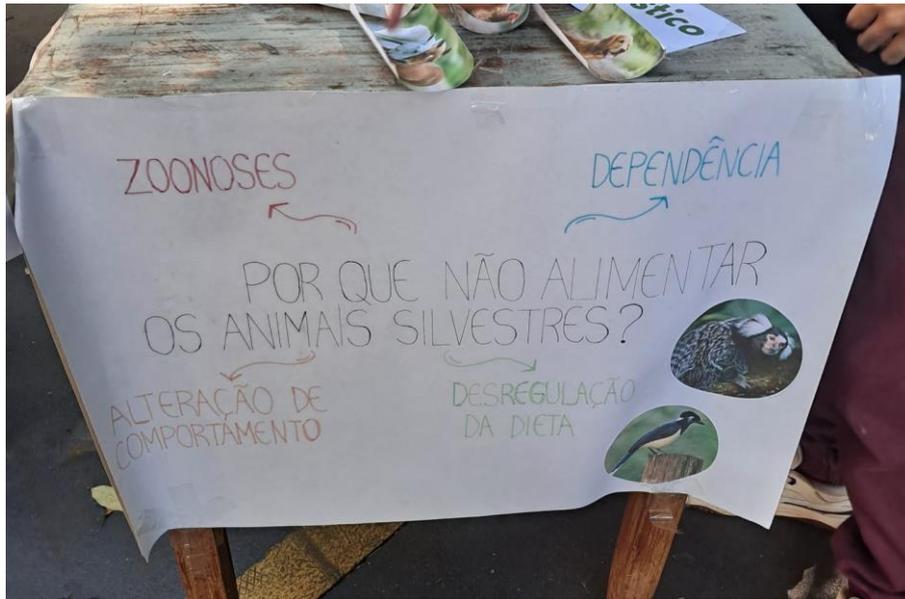


Figura 2. Primeiro cartaz “Por que não alimentar os animais silvestres?”.
Fonte: Autores.



Figura 3. Segundo cartaz “Diferença entre animais domésticos e silvestres”.
Fonte: Autores.

A fim de promover engajamento entre os participantes, foi construído um jogo, pois a gamificação surge como uma possibilidade de desenvolver o interesse do sujeito para a temática, bem como despertar a curiosidade, estimular a participação e o engajamento, de modo a construir elementos que favoreçam o desenvolvimento da aprendizagem⁽¹⁴⁾.

Assim, o jogo pensado tinha uma proposta de agrupamento e categorização de animais, utilizando oito cartões com impressões de imagens: quatro animais domésticos e quatro animais

silvestres e duas placas de papel com as categorias “Doméstico” e “Silvestre”. O jogo consistia em pedir para os participantes agruparem quais animais dos cartões eram silvestres e quais eram domésticos da maneira que pensavam ser o certo (Figura 4).



Figura 4. Jogo de agrupamento com as fotos dos animais e classificação.

Fonte: Autores.

Os materiais e estudantes ficaram localizados em dois espaços diferentes no parque: inicialmente, próximos ao portão principal do Parque do Ingá (Figura 5), e, posteriormente, no interior do parque, próximo a estátua do ex-prefeito Adriano Valente (Figura 6).



Figura 5. Realização da intervenção ao lado da entrada principal do Parque do Ingá.
Fonte: Autores.



Figura 6. Realização da intervenção dentro do Parque do Ingá.
Fonte: Autores.

Durante a abordagem, foram feitas algumas perguntas aos sujeitos participantes: a) Você conhece a diferença entre animais domésticos e animais silvestres? b) Você já alimentou ou viu alguém alimentar animais silvestres? c) Com que frequência você vem ao parque do Ingá? Observa os animais quando está no parque? Após essa ação, foi realizada uma sensibilização a respeito do tema, com enfoque na alimentação dos animais, conforme as respostas dadas pelos participantes, com o auxílio dos materiais didáticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição foi iniciada externamente ao Parque do Ingá, próximo à entrada principal, atendendo ao público que passava por ele. Após um período, a equipe de gestão do parque convidou que a atividade fosse movida para a parte interna, próxima à entrada, onde o público seria mais específico e predisposto à participação.

Estima-se que aproximadamente 60 visitantes participaram da intervenção, em especial as crianças, que se mostraram mais curiosas. Entre esse grupo, duas crianças, de 10 a 13 anos, se definiram como entusiasmadas à biologia e sabiam de muitas informações e curiosidades, bem como já possuíam uma boa noção do tema que estava sendo abordado.

O público participante, em geral, demonstrou saber dos malefícios da alimentação indevida de animais silvestres. Algo esperado, dado que a educação brasileira vem sendo reconhecida por seu engajamento em assuntos de aspecto político e ambiental⁽¹⁵⁾. O ponto de maior interesse foi a descrição de detalhes específicos em relação às consequências da alimentação, como, por exemplo, a possibilidade de transmissão de doenças aos humanos pelos animais, e vice-versa. Pôde-se perceber também que era sabido o aconselhamento de não alimentar, contudo, os participantes não sabiam os motivos desse aconselhamento. Nesse momento, a equipe do projeto se atentou a enfatizar e explicar esses pontos.

Recentemente, uma pesquisa realizada acerca da percepção de visitantes do Parque do Ingá e a alimentação dos animais⁽¹⁶⁾, foi possível observar que entre os indivíduos que alegaram alimentar os saguis do parque existe uma relação desta prática com a frequência de visitação, pois ao analisar as características comuns deles, constatou-se que todos são visitantes frequentes do local e todos referiram não conhecer as consequências de uma má alimenta o para estes animais silvestres.

Dados apresentados pelos autores indicaram que, entre as justificativas dos participantes que alegaram alimentar os saguis est a a de “Parecer que estão sempre com fome” e “Por prazer de meu filho ver”. Em rela o   pergunta sobre quais alimentos eram oferecidos, apareceram como respostas pão, bolacha e banana⁽¹⁷⁾.

Acerca das orientações para a não alimentação dos animais do parque, pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá realizaram um levantamento da percepção ambiental dos visitantes e concluíram que a falta de conhecimento sobre esse assunto (e outros levantados na pesquisa) seria minimizada se houvesse um programa de educação ambiental mais efetivo na área, com a presença de guias e painéis explicativos, os quais, de alguma maneira, possibilitaria na sensibilização acerca da importância do parque para a comunidade. Para os autores, embora existam alguns painéis explicativos nas trilhas e no entorno do parque solicitando que os animais não sejam alimentados, estes se encontram em locais de pouco acesso ou, ainda, em péssimo estado (quebrados, tortos ou rabiscados)⁽¹⁸⁾.

Do mesmo modo, o jogo de agrupamento também se mostrou muito bem recebido, principalmente por ser um momento que possibilitou um diálogo entre os pesquisadores e os participantes da pesquisa, de maneira que estes últimos se tornassem protagonistas e ativos no processo de educação não-formal. A população conseguiu ter uma boa taxa de acertos sobre a classificação de cada animal. Inicialmente, o jogo foi aplicado ao final da explicação geral do assunto. Entretanto, durante a intervenção, foi feita uma modificação e o jogo passou a ser aplicado no início do diálogo, a fim de atrair a atenção do alvo mais rapidamente e então desenvolver o conhecimento a partir do que a comunidade já sabia previamente.



Figura 7. Um dos participantes brincando com o jogo de agrupamento.

Fonte: Autores.

A partir da aplicação do jogo, foi constatado que a maioria dos participantes classificou o papagaio como animal doméstico, o que permitiu o uso dessa concepção prévia para tratar do tema

de domesticação e popularização de animais de estimação indevidos. Essa discussão surpreendeu muitos e se mostrou importante de ser abordada.

Além disso, outro equívoco comum foi em relação aos animais típicos de fazenda. Muitos não acreditavam que eram, de fato, domésticos, e essa confusão foi útil para que conceitos sobre as diferenças entre animais domésticos e silvestres fossem abordados. A realização de atividades lúdicas, tais como esse jogo, são benéficas para iniciativas focadas na educação ambiental, pois proporcionam um ambiente descontraído e divertido que facilita a iniciação de diálogos e a apropriação do conhecimento pelo ouvinte⁽¹⁹⁾.

Adicionalmente, o impacto imediato na percepção dos participantes, a atividade também ressaltou a importância de estratégias educativas contínuas para reforçar o aprendizado e evitar a perpetuação de equívocos. O contato direto com conceitos científicos de forma acessível e interativa mostrou-se eficiente para despertar o senso crítico dos envolvidos, incentivando-os a questionar informações recebidas no cotidiano e a compartilhar o conhecimento adquirido com outras pessoas. Dessa maneira, ações como essa podem contribuir para mudanças comportamentais a longo prazo, promovendo uma relação mais consciente e responsável entre a sociedade e a fauna silvestre.

A realização da atividade também possibilitou a identificação de mais um fator crucial contribuindo para a dessensibilização da população para com o contato com animais silvestres: o grande volume de conteúdo de “pets exóticos” presente nas redes sociais. A constante exposição a esse tipo de conteúdo foi apontada por alguns participantes como motivo para acreditarem que a interação com animais silvestres é livre de riscos. As redes sociais se encontram saturadas com conteúdo mostrando o suposto dia a dia de pessoas que mantêm animais não domesticados – incluindo gambás, capivaras, quatis, primatas, várias espécies de aves, répteis e invertebrados, entre outros animais – como animais de estimação; intencionalmente ou não, outra consequência da produção de tais posts e vídeos aparentemente inocentes é a geração de interesse na obtenção dos animais retratados, e as próprias redes sociais são muitas vezes utilizadas como veículo para o tráfico ilegal de animais silvestres⁽¹⁹⁾.

Até mesmo em casos em que a obtenção do animal é realizada por vias legalizadas, os resultados são muitas vezes desagradáveis. Esse tipo de conteúdo apresenta apenas os fragmentos agradáveis da realidade da convivência com animais não domesticados, omitindo informações “desagradáveis”, porém críticas sobre o comportamento e as necessidades nutricionais, sociais, e médicas do animal retratado. Assim, os cuidados que o animal recebe são muitas vezes impróprios.

Outra questão relevante observada durante a intervenção foi a influência da cultura local e das tradições familiares na percepção dos participantes sobre a interação com animais silvestres. Muitos relataram que alimentar os animais do parque era uma prática passada de geração em geração, vista

como um ato de carinho e conexão com a natureza. Esse aspecto reforça a necessidade de estratégias educativas que não apenas transmitam informações científicas, mas também dialoguem com valores culturais e emocionais da comunidade. Ao promover esse tipo de abordagem, é possível construir uma conscientização mais profunda e duradoura, incentivando mudanças de comportamento que respeitem tanto o conhecimento científico quanto os vínculos afetivos das pessoas com a fauna local.

Em suma, foi constatado que os participantes da intervenção no Parque do Ingá apresentaram certa compreensão sobre o assunto tratado, embora, também tenha sido observadas lacunas de conhecimento e equívocos, como a ideia que é aceitável manter animais silvestres como pets, promovidos principalmente por normalização desse comportamento nas redes sociais. Dessa forma, a iniciativa conseguiu atingir seus objetivos delimitados, visto que foi possível promover, em um espaço não-formal de ensino, diálogo e reflexões que visam combater a desinformação e difundir informações com embasamento científico em seu lugar, especialmente acerca dos efeitos das ações antrópicas sobre a fauna silvestre.

CONCLUSÃO

Ao decorrer da pesquisa, foi perceptível que, embora os participantes tivessem o conhecimento de que não se pode alimentar animais silvestres, não sabiam os riscos dessa prática, como por exemplo, questões como a transmissão de doenças entre humanos e animais. Ao dialogar sobre esses temas, notou-se o impacto e a grande importância de abordar esse assunto com a população, tendo em mente que é fundamental saber as consequências das ações e não apenas se são “certas” ou “erradas”.

A metodologia planejada para a ação, embora simples, foi eficiente, pois a utilização de cartazes informativos e o jogo de agrupamento de animais domésticos e silvestres mostraram-se eficazes para engajar o público e estimular reflexões sobre o tema. Essas estratégias reforçam ainda mais a importância de abordagens educativas em espaços públicos, como o Parque do Ingá. Considerando que a maior parte do público eram crianças, essas atividades se tornaram uma alternativa para aproximar desde cedo a educação ambiental para a comunidade.

Entretanto, realizar a atividade dentro do Parque possibilitou um alcance do público-alvo mais abrangente, levando em consideração que em frente ao local muitas pessoas estão caminhando, focadas em outras interações e apenas apreciando a passagem.

Como perspectivas futuras, sugere-se a inclusão de dinâmicas e materiais que possam atrair mais a atenção do público, como a exposição de animais taxidermizados, a fim de promover uma maior sensibilização e impacto. Além disso, espera-se que as abordagens sejam realizadas em locais

estratégicos, próximos aos pontos onde os visitantes costumam alimentar estes animais, sendo possível alcançar também aqueles que de fato não possuem conhecimento sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

1. Silva TDM, Deccache-Maia E. Museus e centros de ciências itinerantes do estado do Rio de Janeiro: interiorizando o conhecimento científico. *Actio: Docência em Ciências*. 2021;6(2):1-23. doi: <http://dx.doi.org/10.3895/actio.v6n2.14256>
2. Jenkins E. Science for all: The importance of science education in modern societies. *Stud Sci Educ*. 2011;47(1):1-37.
3. Falk JH, Dierking LD. *Learning from Museums: Visitor Experiences and the Making of Meaning*. Walnut Creek, CA: AltaMira Press; 2002.
4. Kolb DA. *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall; 1984.
5. Kisiel J. Exploring a school-museum relationship: An investigation of teacher perceptions and practices. *J Sci Teach Educ*. 2010;21:7-75.
6. Ballantyne R, Packer J. Nature-based learning and pedagogy in natural settings. In: Dillon J, Rickinson M, eds. *Advancing environmental education practice*. Cham: Springer; 2009.
7. Louv R. *Last child in the woods: Saving our children from nature-deficit disorder*. Chapel Hill, NC: Algonquin Books; 2005.
8. Orams MB. Feeding wildlife as a tourism attraction: A review of issues and impacts. *Tour Manag*. 2002;23(3):281-93. doi: [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(01\)00080-2](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(01)00080-2)
9. Newsome D, Rodger K. Feeding of wildlife: An acceptable practice in ecotourism? In: Lück M, ed. *The encyclopedia of ecotourism*. Wallingford, UK: CABI; 2008. p. 197-210.
10. Heimlich JE, Ardoin NM. Understanding behavior to understand behavior change: A literature review. *Environ Educ Res*. 2008;14(3):215–37. doi: <https://doi.org/10.1080/13504620802148881>
11. Monroe MC, Andrews E, Basso J. *Environmental education and communication for a sustainable world*. Washington, DC: North American Association for Environmental Education; 2008.
12. Prefeitura Municipal de Maringá. Plano de Manejo do Parque do Ingá [Internet]. Maringá: Prefeitura Municipal de Maringá; 2020 [citado 2025 fev 23]. Disponível em: <https://www3.maringa.pr.gov.br/conferencia/?cod=plano-de-manejo-do-parque-do-inga>
13. Mussi RFF, Flores FF, Almeida CB. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práx Educ*. 2021;17(48):60-77. doi: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>
14. Orlandi TRC, Duque CG, Mori AM. Gamificação: uma nova abordagem multimodal para a educação. *Biblios*. 2018;(70). Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2020/03/Renato-Revista-Educac_a_o-em-Foco.pdf. Acesso em: 2025 fev 15.

15. Malaquias JF, Vasconcellos FCW, Silva CS, Diniz HD, Santiago MC. O lúdico como promoção do aprendizado através dos jogos socioambientais, integrando a educação ambiental formal e não formal. *Rev Eletr Mestr Educ Ambient.* 2012;29. doi: <https://doi.org/10.14295/remea.v29i0.2943>
16. Gonzales IAA, Magalhães Junior CAO. Concepções e práticas dos visitantes do Parque do Ingá, Maringá-PR acerca da alimentação dos saguis (*Callithrix jacchus*). *J Health Sci.* 2016;18(1):19-23. doi: <https://doi.org/10.17921/2447-8938.2016v18n1p23-27>
17. Miranda S. No fascínio do jogo, a alegria de aprender. *Linhas Críticas.* 2002;8(14):21–34. doi: <https://doi.org/10.26512/lc.v8i14.2989>
18. Hidalgo MR, Obara AT, Farias Junior G, Milaneze-Gutierrez MA, Silva ES. Educação ambiental e potencial ecoturístico do Parque do Ingá (Maringá – Paraná). In: *Anais do III Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia - SINECT.* Ponta Grossa; 2012. Disponível em: <https://www3.maringa.pr.gov.br/sistema/arquivos/7526bff207cd.pdf>. Acesso em: 2025 fev 15.
19. Wyatt T, Miralles O, Massé F, Lima R, Da Costa TV, Giovanni D. Wildlife trafficking via social media in Brazil. *Biol Conserv.* 2022;265:109420. doi: <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2021.109420>